Brinde à nova Carta

- 5 OUT 1988

Ruy Lopes

JORNAL DE BRASÍLIA

Há quarenta e dois anos que o País não experimentava o prazer de colocar em vigor uma Constituição realmente digna desse nome. Uma Constituição que representasse um pacto social livremente negociado pelos delegados escolhidos pelo povo, como esta que se inaugura hoje.

Como todos os pactos, a nova Carta é produto de concessões de parte a parte. O texto não espelha a predominância de qualquer setor da sociedade ou de correntes políticas determinadas; todos obtiveram vitórias parciais e só a Nação ganhou como um todo.

Isto fica demonstrado com clareza nas queixas que surgem contra o texto. Os conservadores, por exemplo, acham que a distribuição de benesses aos trabalhadores — como o aumento da licença-gestante, a diminuição da quota de trabalho semanal, a criação da licença-paternidade — configura um exagero demagógico e poderá agravar as dificuldades da economia.

Ora, nossa Constituição apenas deixou de nos envergonhar no tocante a direitos sociais. Mas não é avançada demais coisa nenhuma. Basta compará-la com os direitos reconhecidos nos países capitalistas adiantados para verificar essa verdade.

Enquanto os conservadores tocam nesses pontos os esquerdistas lamentam que a nova Carta tenha impedido a reforma agrária em propriedades produtivas, que se tenha perdido a oportunidade de implantar o parlamentarismo e alguns pontos mais.

Vamos colocar os pingos nos 'is". Não se fez a reforma agrária nos últimos vinte e quatro anos apesar da legislação favorável, adotada ao tempo do marechal Castelo Branco, porque jamais reuniu política suficiente para executar a reforma.

O novo texto é, na verdade, bem pior do que o anterior, no que se refere ao campo. Mas, se houver vontade política na sociedade para resolver o problema, estejam certos de que a letra da nova Carta não será obstáculo intransponível. Há muito tempo que o problema não é de leis.

Talvez não seja a melhor Constituição do mundo, mas é a que temos. E nos custou muito mais do que esse ano-e-pouco de trabalho dos representantes do povo, porque em cada capítulo existe um pedaço do caminho da nacionalidade nos últimos decênios Um caminho árduo, marcado pelo sofrimento.

A partir de hoje, tudo o que temos a fazer é sustentá-la. A qualquer risco e a qualquer custo, porque de sua sobrevivência depende a liberdade.